

Carta ao professor Rafael Moreira¹

Letter to Professor Rafael Moreira

Clovis Jucá²

É um prazer imenso estar no lançamento do livro *Arquitetura do Renascimento no sul de Portugal: a encomenda Régia entre o Moderno e o Romano* do professor Rafael Moreira, fruto de seu trabalho de doutoramento defendido na Universidade Nova de Lisboa em 1991. Uma alegria está cercado de amigas, amigos e colegas. Estar mais uma vez próximo da Beatriz Bueno, da Iris Kantor, do querido Rodrigo Baeta, Magno Melo. Enfim, uma alegria estar aqui.

No início dos anos 2000, como professor recém ingresso do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), os textos do professor Rafael Moreira começaram a estar presentes na minha mesa de trabalho, a povoar minhas inquietações, a ventilar minhas pesquisas. Ainda hoje ministro, na UFC, as disciplinas de História da Arquitetura e do Urbanismo do Brasil colônia e História da Arquitetura e do Urbanismo do Renascimento ao Barroco Internacional.

Na altura, lembro meu eterno mestre, o arquiteto e professor José Liberal de Castro, indicando a leitura do professor Rafael Moreira, a atenção para seus artigos, mencionando suas incursões no Urbanismo e na Arquitetura Militar Portuguesa, discorrendo sobre o pioneirismo de Rafael Moreira nos temas em questão. A indicação do mestre não podia ser desconsiderada.

¹ Este texto foi lido por ocasião do lançamento do livro *Arquitetura do Renascimento no sul de Portugal: a encomenda Régia entre o Moderno e o Romano* na Cátedra Jaime Cortezão, no dia 07 de junho de 2024, com a presença do professor Rafael Moreira.

² CESEM/NOVA FCSH.

Na esteira das comemorações dos 500 anos do descobrimento, como aluno de Doutorado de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e preocupado com os primórdios da urbanização do Ceará, me aproximo das pesquisas nacionais e internacionais sobre a urbanística portuguesa. Lecionando sobre a arquitetura e sobre o processo de urbanização da colônia e do império brasileiro identifiquei lacunas historiográficas sobre processo de urbanização cearense nos setecentos. Exceto trabalhos pontuais do professor José Liberal de Castro, nada ou quase nada, de maneira sistemática, havia sido escrito sobre a rede urbana do Ceará, sobre suas vilas no período em tela. Na altura, os meus esforços se voltaram para percepção e análise da distância entre as diretrizes urbanísticas pensadas em laboratório na distante Lisboa e o que de fato fora aplicado nos sertões cearenses.

É neste contexto que, definitivamente, me aproximo dos trabalhos do professor Rafael Moreira. Dentre outros, o escrito *Miguel Arruda e o primeiro projeto de Salvador* foi definitivo. Assim como, na época, também foi basilar o livro *Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial* do professor Nestor Goulart Reis Filho, da Beatriz Bueno, pelo conjunto cartográfico apresentado. Sobre isto ninguém precisa falar. Todos nós conhecemos a grandeza da publicação

O artigo *Miguel Arruda e o primeiro projeto de Salvador* do Professor Rafael Moreira foi disparo para entendimento da existência de um projeto de urbanização, de desenho urbano, de fazer vilas e cidades, por parte do governo português em território brasileiro. Posso estar enganado, mas o texto foi publicado ou o conheço através da publicação dos Anais do IV Congresso de História da Bahia, em Salvador, organizado pelo Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHBA) e pela Fundação Gregório de Matos no ano de 2001. É certo que o professor Nestor Goulart Reis Filho já havia explicitado a compreensão do processo de urbanização como etapa do processo de colonização, no livro *Contribuições ao Estudo da Evolução Urbana no Brasil*.

Juntamente com a escrita de *Miguel Arruda e o primeiro projeto de Salvador* e na esteira de sua largueza, o texto *Uma utopia urbanística pombalina: o “Tratado de Ruação” de José de Figueiredo Seixas* – originalmente publicado em *Pombal Revisitado: Comunicações ao Colóquio Internacional organizado pela comissão das Comemorações do 2º Centenário da Morte do Marquês de Pombal em 1984* - impressionou pela existência utópica de um desenho em forma de tratado no mundo português. Quanto ao tratado, o professor Rafael afirma ser um verdadeiro “sonho de urbanista”.

Por volta de 2010, recebi um e-mail da professora Beatriz Bueno avisando da chegada do professor Rafael Moreira em Fortaleza e se eu poderia recepcioná-lo. De imediato recebo o e-mail do professor dizendo: “Minha grande amiga Bia Siqueira Bueno me indicou seu nome como sendo o ideal: por isso estou lhe escrevendo”. Queria ir à Aquiraz e conversar sobre a “evolução” urbana de Fortaleza.

Fomos à Aquiraz. Na cidade, o desenho da praça, a arquitetura do mercado da carne e da Igreja de São José do Ribamar e especialmente o forro pintado da capela-mor fez brilhar seus olhos. A visita rendeu muitas conversas, muito aprendizado. De volta à Lisboa, o professor manda e-mail aula e faz considerações sobre como a cidade o encantou. Desculpe-me, mas vou ler trecho do e-mail. Como disse um e-mail aula:

Aquiraz, que me ficou nos olhos! [...]
Que lugar lindo!

O Mercado, visto de longe, é bem interessante mas pareceu-me obra já tardia, das primeiras décadas do séc. XIX, não? A Praça é um encanto de proporções e de escala, e apesar de muitas casas modificadas mantém uma unidade rara, imponente [...] Não conheço muitas praças assim no Brasil. (O facto de a igreja estar de lado, com seu adro e cruzeiro talvez de inícios do XIX, é a prova de que ali o essencial é mesmo "a Praça", com um carácter mais civil e urbano do que religioso - um pólo oposto ao da destruída igreja e colégio dos Jesuítas.)

Mas a maravilha é mesmo a matriz de S. José do Ribamar (o nome antigo de Algés, um arrabalde de Lisboa). Mantém uma harmonia de volumes e uma presença impressionantes, que não esperava. Os óculos altos são bem nortistas, mas o conjunto é de arquitetura do Nordeste: as torres fortes e quadradas enquadrando a fachada mais delicada é uma composição de raiz serliana que lembra S. Francisco

de Salvador (1708), embora os lados levemente encurvados não devam ser anteriores ao meado do XVIII. Mas a porta é claramente da 1ª metade. Um quebra-cabeças...

A impressão geral é de uma arquitetura sólida e culta - quase diria erudita - de alguém que conhecia bem as coisas da capital Salvador mas soube adaptá-las ao clima do sertão: quem seria? Não há documentos? Em S. Luís não há nada semelhante - nem a Sé, ex-igreja dos Jesuítas, do Pe. Bettendorf (1689), inspirada "nos princípios de Vitruvius e na igreja do Loreto (dos Italianos) em Lisboa"...

A capela-mor, com seu forro de caixotões repintados no XIX mas original do início do XVIII, é uma beleza. A nave não terá tido o mesmo forro? O púlpito tem iconografia muito interessante, intrigante mesmo. E a pia batismal é da 1ª met. do XVIII com toda a certeza, com a sua base em coluna salomônica e pia em pétalas grossas.

Enfim, toda a vila é uma *jóia preciosa* que vocês guardam ali bem escondida.

Noutro e-mail continua a instigar a conversa, com uma generosidade impressionante.

O que mais me impressiona na série do Aquiraz é a sua homogeneidade. Vê-se que são todos de uma mesma mão (não um frade franciscano: os Franciscanos não pintavam, nem os Jesuítas, mas contratavam pintores que faziam "irmãos" leigos), um pintor culto e bom prático no seu ofício. É o que se depreende da harmonia de estilo, da constância das formas de composição - baseada em esquemas geométricos animados pelo uso de volutas virtuais em espiral (um processo típico do Barroco). [...] do gosto por pequenos detalhes domésticos e um mobiliário simples, que se opõe à agitação dos panejamentos, dobras e pregueados dos tecidos e cortinados. Mas os rostos são repetitivos, não-individualizados e sem qualquer expressão, de modo bem naïf. Quem seria ele? Não creio que no Ceará por 1730 houvesse pintores de profissão: não havia mercado nem clientela. O seu estilo faz lembrar muito o dos ex-votos portugueses, pinturas populares agradecendo um milagre que eram colocados nos santuários ou junto de altares. Seria um amador recém-imigrado de Portugal, autor de "ex-votos"? Parece-me demasiado culto e perito para isso. Mais provavelmente, algum pintor secundário de Olinda - que foi um foco muito importante de pintura na época pós-holandesa, com uma Escola própria (bem visível na Pinacoteca de Igarassu e igrejas do Recife e Olinda) - contratado e pago para o efeito, mas de quem ignoramos de todo o nome.

Depois desta ida à Fortaleza, a troca de e-mails se tornou constante. E sempre na mesma toada, de uma conversa larga, inquieta e generosa. Anos depois, mais uma vez no Ceará, fomos à Almofala, no município de Itarema, no litoral oeste do Estado. Em Almofala há uma pequena igreja barroca. Um primor. Um doce. O setor esquerdo da fachada é ladeado por uma elegante torre. José

Liberal de Castro, em sua tese de livre-docência *Notas relativas à arquitetura antiga do Ceará*, identifica na torre elemento arquitetônico de traço erudito nitidamente joanino, com evidente referência ao coroamento superior das torres do Palácio de Mafra.

Após andarmos, visitarmos a Igreja, fomos comer um peixe frito em uma barraca com o mar à sua frente. Na barraca me perguntou se seria possível pegar uma jangada e entrar no mar para vermos a costa. Disse que certamente a torre, com referência a Mafra, fora construída para reverberar a presença da Coroa no litoral cearense após a expulsão dos jesuítas. A torre deveria ser vista do mar.

Meses depois, li No *Dicionário Geográfico Histórico e Descritivo do Império do Brasil*, de Saint-Adolphe, de 1845, sobre “A torre da igreja da Conceição, que se avista do mar por entre os coqueiros”. O dicionário se propõe a apontar a origem e história de cada província, cidade, vila e aldeia, sua população com comércio, indústria. O dicionário reforça a hipótese do professor.

Neste intermédio, textos como *Arquitectura; Renascimento e Classicismo* em História da Arte Portuguesa (1995); *As formas artísticas* em Histórias dos Portugueses no Extremo Oriente (1998); *A arte luso-brasileira: modelos, síntese e autonomia* em História da Expansão Portuguesa – Direção do Francisco Bithencourt e Kiti Chauduri (1998); *A Circulação das formas. Artes Portáteis, Arquitectura e Urbanismo*, História da Expansão Portuguesa (1998) foram importantíssimos, iluminando estudos sobre a circulação de formas e gentes nos sertões das Capitanias do Norte.

Mas, para além da importância larga de seus textos, retomo um ponto que marcou estes anos de aproximação. A extrema generosidade em todos os níveis do professor Rafael. Generosidade intelectual. Cada encontro, cada conversa, cada e-mail – todos eles guardados – generosamente abrem possibilidades de outras conversas, de papo infinito, de novas pesquisas na sua mais ampla afirmação, de outras janelas de trabalho. É sobre isto. Muitas ideias, porque foram verdadeiramente muitas, se perderam nos labirintos da memória. Mas

muitas outras ficaram tatuadas na polaroide das lembranças. Estão anotadas, carinhosamente guardadas esperando o tempo certo para seguirem adiante.

É nesta fresta que chego ao livro *A arquitetura do Renascimento no Sul de Portugal: encomenda Régia entre o Moderno e o Romano*. Na esteira de sua larga construção, da defesa de suas hipóteses, desenvolvendo página a página seu argumento, evidenciando as conexões de formas e gentes entre a Itália e Portugal nos séculos XV e XVI, na trilha da quantidade imensurável e impressionante de fontes primárias apresentadas e trabalhadas, algumas inéditas, o livro é de uma generosidade intelectual sem tamanho.

São incríveis as possibilidades de pesquisas que se abrem a partir de sua leitura. Possibilidades que fazem do texto obra inquieta, aberta e do futuro. Infelizmente, não tenho conhecimento do estado da arte sobre o tema em Portugal, após a tese apresentada pelo professor Rafael Moreira em 1991, que hoje é lançada em forma de livro. Mas tenho certeza da quantidade de pesquisas que foram, ou poderiam ter sido elaboradas a partir de sua leitura.

Mas sua generosidade também é expressão de cuidado extremo, de carinho. Estava em Lisboa fazendo um Pós-Doc quando a pandemia tomou conta do mundo afligindo nossas vidas. Em Lisboa foram meses trancado em um apartamento. O professor Rafael me ligava diariamente, duas a três vezes por dia, querendo saber como eu estava, se estava precisando de qualquer coisa.

Terminei o livro no voo Fortaleza – São Paulo. No final, me dei conta que não havia lido apresentação. E volto ao começo. E novamente a generosidade salta aos olhos. Em sua apresentação do livro, o professor indica caminhos para novas pesquisas. Diz sobre balanços historiográficos que ainda estão por fazer – por exemplo, sobre a aceitação no Norte de Portugal das “novas correntes e na superação do Proto-Renascimento”. Também indica que estudos comparativos entre regiões ainda não foram feitos. Que falta analisar “o terreno onde convergem as diversas forças e a proximidade do poder fez da Arquitectura signo e veículo de ideologias políticas”. Ou seja, volta a indicar caminhos de trabalho,

fazendo de suas reflexões espaço aberto. Professor, obrigado pela generosidade, pelas conversas, pelos encontros nos cafés de Lisboa, pelos e-mails aulas, pelas visitas ao Ceará, pela amizade.

Figuras



